

SÓ OS —
— PROFETAS
ENXERGAM O

ÓBNO

© 2020 by Espólio de Nelson Falcão Rodrigues

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela **Editora Nova Fronteira Participações S.A.** Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Candelária, 60 — 7º andar — Centro — 20091-020
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3882-8200

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rodrigues, Nelson, 1912-1980
Só os profetas enxergam o óbvio: frases inesquecíveis de Nelson Rodrigues / Nelson Rodrigues; apresentação André Seffrin. — 1. ed. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.
128 p.; 21 cm.

ISBN 9786556401836

1. Crônicas brasileiras I. Seffrin, André. II. Título.

20-49085 CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:
1. Crônicas: Literatura brasileira B869.8
Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Nota editorial

Um livro infinito

Memórias: a menina sem estrela

O óbvio ululante: as primeiras confissões

A cabra vadia: novas confissões

O reacionário: memórias e confissões

O berro impresso nas manchetes

Brasil em campo

A pátria de chuteiras

A vida como ela é...

Pecas de teatro

A mentira

Asfalto selvagem: engraçadinha, seus pecados e seus amores

O casamento

Textos inéditos em livros

Entrevistas

Colofão

NOTA EDITORIAL

Nelson Rodrigues é sabidamente um dos maiores dramaturgos em língua portuguesa e autor das célebres histórias de *A vida como ela é...* Só isso já bastaria para incluí-lo entre os grandes nomes da literatura brasileira, mas Nelson fez mais, muito mais.

Romancista de mão cheia, foi ainda um cronista prolífico, de opiniões sempre assertivas e muitas vezes polêmicas ou proféticas, escritas com um estilo inconfundível. Aliás, é justamente nas crônicas que percebemos com mais nitidez outra notável faceta sua: a de frasista, provavelmente um dos melhores que o Brasil já teve. Sua capacidade de criar ditos impactantes, com força de aforismo, era tão impressionante que é possível abrir seus livros não ficcionais em qualquer página e encontrar pelo menos uma dessas máximas. As entrevistas também estão recheadas delas. E, na ficção ou no teatro, elas aparecem com frequência em falas de personagens ou na própria narração, embora nem sempre possam ser destacadas do enredo com facilidade. Nesse último caso, nem sempre refletem o pensamento do autor, vale salientar.

Como quem se diverte com os próprios achados verbais, Nelson Rodrigues não via problema algum em repeti-los em abundância, asseverando que “as coisas ditas uma vez e só uma vez morrem inéditas”. Tal afirmação não é uma simples frase de efeito, mas uma efetiva convicção. Isso pode ser percebido nitidamente na divisão proposta para este volume e foi um dos motivos de termos optado pela segmentação por livros.

Uma leitura comparativa pode ajudar a entender que essa obsessiva repetição de frases axiomáticas era programática; repetidas, elas se tornavam tão conhecidas que extrapolavam o texto escrito e iam parar na boca de leitores e até mesmo de não leitores. Sim, porque muitos citavam (e ainda citam) frases de Nelson Rodrigues sem fazer a menor ideia de quem as tenha criado. Um bom exemplo disso é o “Complexo de vira-latas” atribuído pelo autor aos brasileiros.

Na crônica escrita para *O Globo*, em 17 de agosto de 1977, e publicada no livro *Brasil em campo*, Nelson fala do nascimento de outra frase bem famosa sua, a que dá título a este livro. Com esse texto convidamos você a conhecer

centenas de achados do autor que nos mostrou que o óbvio, embora ululante, não se revela para qualquer um.

“Amigos, num dia inspirado, escrevi uma frase que ia sofrer todas as variações possíveis. Eis a frase: — ‘Só os profetas enxergam o óbvio.’ A princípio, era uma frase engenhosa. Mas não imaginei, jamais, que corresse todo o território nacional. Vocês entendem? No dia seguinte, eu saí de casa, bem cedo, tão cedo que esbarrei, quase tropecei no leiteiro. Vejam o sucesso fulminante de uma frase bem-nascida. Assim que me viu, o homem ergueu o braço e declamou: — ‘Só os profetas enxergam o óbvio.’ Recuei dois passos e avancei outro tanto. Perguntei: — ‘Onde é que você leu isso?’ Ele puxou o recorte do bolso. — ‘Li na sua crônica, na sua coluna, ora, pois pois!’ Estendi-lhe a mão, o leiteiro a dele, e assim nos despedimos. Isso foi há uns cinco anos (ou dez?). O fato é que, durante todo o dia da primeira audição (e era uma primeira audição), eu vivi às custas da frase. A alma encantadora das esquinas e dos botecos amou a frase. E, por um momento, pensei que eu podia viver de uma frase se eu a tratasse com o necessário carinho. De um dia para outro tornei-me o poeta do óbvio. Impressionado, criei, em seguida, o óbvio ululante. Repercussão instantânea.”

UM LIVRO INFINITO

Onsina Nelson que a frase deve ser “exata, inapelável e assassina”. Suas crônicas são em geral a frase. A frase que abarca o tema, o tema em busca da frase. Frases que emolduram temas e são deles o esqueleto e os músculos, o sangue e a alma. Não por acaso ele numerava os parágrafos de suas crônicas, talvez na secreta intenção de destacar cada tópico ou cada novo arranco da imaginação, cada frase ou conjunto de frases.

Algumas mereceram retoques quando um novo assunto exigia, em diferentes e oportunos momentos. Por isso suas frases mais acabadas e folclóricas variavam, às vezes, reinventadas na surpresa do fato novo. E como eram e continuam antigos os fatos novos. Por isso a repetição nunca deixou de ser um de seus motes básicos. E como ele sabia se repetir bem. Tinha, e como!, o dom da repetição. E sobre elas, as repetições, Sonia Rodrigues, filha do autor, acertou o alvo da verdade: “as repetições ou contradições de Nelson Rodrigues são questões existenciais, culturais, estilísticas importantes”.

Pois é, também Carlos Heitor Cony observou que Nelson “não temia a redundância, a repetição de fatos e expressões, tornando-se de longe o maior fabricante de bordões de nossa literatura”. Bordões sobre a glória e a miséria do Brasil, do povo anônimo a seus ídolos, da família ao futebol, do pobre ao rico, do magro ao gordo, do gênio ao pulha. Sem esquecer a vasta matéria deflagradora de seus graves desafios à moral manca e à lógica perversa: a partir do aparentemente banal, o insólito — a verdade e a mentira nos subúrbios do sexo e da vida como ela é.

São muitos Nelsons em Nelson, sobretudo quando o bordão soa como aforismo ou provérbio, entre o público e o privado, o insulto e o elogio. Por esses e outros motivos, foi perseguido e hostilizado por todos, amigos e inimigos, e ambos ele colecionava, com esmero e dedicação. Sem contar que amigos e inimigos costumavam trocar de lado, “e trocaram muito”, afirma Otto Lara Resende. Este é, portanto, mais que um livro de frases, o livro de um “moralista às avessas” (obrigado, Sábato Magaldi!) que pisou com sábia

intimidade o lodoso ambiente do animal humano, esta fera que berra e chora e vomita dentro do incômodo do mundo.

Insistentemente repetidas, pelo autor e por seus colegas jornalistas, são, em sua maior parte, frases mutantes que nós, leitores, ao longo de décadas, também colaboramos para transformar. E se agora se buscou alguma fidelidade textual com as referências (veículo e data de publicação), foi na tentativa de esclarecer um pouco eventuais metamorfoses dessas frases-criaturas de Nelson. Um livro infinito que poderemos ampliar, cada um a seu gosto e medida, nas centenas e milhares de outras páginas do autor.

ANDRÉ SEFFRIN

MEMÓRIAS: A MENINA SEM ESTRELA

Om muitos sentidos, Nelson Rodrigues era um escritor de pistas falsas. Quando falava do homem, da história, dos grandes acontecimentos, de sua época, era para dentro de si que olhava, para suas lembranças e seus sentimentos. Por outro lado, quando falava das próprias alegrias e tristezas, atingia uma compreensão intensa do que é o ser humano em sua miséria e seu esplendor. Em *Memórias — A menina sem estrela*, mais que nunca Nelson encontrou o universal na mais íntima e pessoal das experiências. Para ele “nada é intrascendente”, nem o menor fato cotidiano. Os temas se cruzam, as histórias de sua família são entrelaçadas com acontecimentos da história do Brasil e do mundo que marcaram o autor.

ADMIRAÇÃO E ADMIRADORES

Bem que eu queria sapatear em cima da admiração como se esta fosse uma víbora.

Devo muito aos inimigos e muito pouco, ou quase nada, aos admiradores.

Se quisesse, faria com os nomes dos meus ex-admiradores uma lista telefônica.

Um admirador precisa ter férias, fim de semana, dias santos, feriados.

Somos, realmente, uns impotentes da admiração.

AMIGOS

O amigo é a desesperada utopia que todos nós perseguimos até a última golfada de vida.

AMOR

O amoroso é sincero até quando mente.

Quem nunca morreu com o ser amado não sabe o que é amor e é um impotente da alma.

Sem um mínimo de morbidez, ninguém consegue gostar de ninguém. O amor ou é puro desejo ou, menos do que isso, a posse sem desejo.

Para o homem, o amor não é gênio, não é talento, e sim tempo, métier, sabedoria adquirida.

ANGÚSTIA

Cada um de nós há de morrer agarrado à sua angústia.

A angústia dá ao homem uma fome de miserando.

AUTOCRÍTICA

Cada autocrítica tem a imodéstia de um necrológio redigido pelo próprio defunto.

AUTODESTRUICÃO

O cigarro que se fuma, ou a cerveja que se bebe, o que exprime senão a secreta vontade da autodestruição?

BEIJO

A verdadeira posse é o beijo na boca.

É o beijo na boca que faz do casal o ser único, definitivo.

BRASIL E BRASILEIROS

O problema do brasileiro é um só: ser ou não ser traído.

DEPRESSÃO

Tamanha era minha depressão que um sorriso, ou um bom-dia, me empolgava.

ELOGIO

Cochichamos o elogio e berramos o insulto.

FE

O belo, o patético, o sublime são as duas mãos postas e a fé ingênua e forte que se irradia de não sei que abismos radiantes.

A fé sempre me comove, mesmo que o santo ou o deus não a mereça.

FOME

Aprendi que a fome não deixa ninguém de pé, ninguém.

A fome varre, a fome raspa qualquer sentimento forte.

FUTEBOL

Certos jogadores são carregados na bandeja, e de maçã na boca, como um leitão assado.

GLÓRIA

Eu diria que o silêncio iníquo é também a glória.

Durante muito tempo a minha glória foi a soma de todos os palavrões que eu merecia das salas, esquinas e botecos.

A glória é ainda mais obsessiva, mais devoradora do que a fome.

HOMEM

O homem devia nascer com trinta anos feitos.

HONRA

Naquele tempo, ainda se lavava a honra a bengaladas.

MAR

O mar, antes de ser paisagem e som, antes de ser concha, antes de ser espuma — o mar foi cheiro.

É diante do mar que gosto de tecer as minhas fantasias fúnebres.

MENTIRAS

*image
not
available*

REPUTAÇÃO

O que nós chamamos de reputação é a soma de palavras que inspiramos através dos tempos.

SÁBADO

O sábado é uma ilusão.

SALÁRIO

Os sentimentos fortes, como a ira, como o ódio, a inveja, exigem um salário.

SANTO

Qualquer devoção é linda. Não importa que o santo não a mereça. E mesmo que seja um santo falso. (Quero crer que também existam os santos canalhas.)

SEXO

Hoje, com a nudez indiscriminada e frenética, os jogos do sexo não ardem mais.

Podemos ter todas as modéstias, menos a sexual.

SOCIALISMO E MARXISMO

Socialismo é outra maneira fácilima de ser intelectual sem ligar duas ideias. Reparem como todo idiota que se conhece é um socialista feroz.

SOLIDÃO

A pior forma de solidão é a companhia de um paulista.

SUCESSO

O autor não tem nada a ver com o sucesso. Quem o faz é o público.

TEATRO E PEÇAS

O teatro é a menos criada das artes, a mais incriada das artes.

TOSSES

Só há uma tosse admissível: a nossa.

*image
not
available*

O brasileiro continua sendo aquele Narciso às avessas que cospe na própria imagem.

CASAIS

O perfeito casal exige uma vítima. Tanto faz que seja o marido ou a mulher. Não importa. O que importa é que cada qual viva o seu papel.

CANALHAS

O canalha, quando investido de liderança, faz, inventa, aglutina e dinamiza massas de canalhas.

CASAMENTO

Sei, hoje, que há, em qualquer casamento, uma vítima obrigatória. E a continuidade matrimonial exige que a vítima aceite seu destino e sua função.

CHAPÉU

Naquele tempo, tirava-se o chapéu à mulher grávida como a uma igreja. (Hoje, não usamos nem o chapéu, nem o respeito.)

CRIME

O brasileiro é um fascinado pelo crime passional (cada um de nós se identifica ou com a vítima, ou com o criminoso, ou com ambos).

DEUS

Eis o que eu pensava: — um católico, como o dr. Amoroso Lima, há de ter Deus enterrado em si como um sino.

Não me espanto que alguém, papa ou não, veja Deus. O que me assombra, realmente me assombra, é que Deus não seja visto, a toda hora e em toda parte, por todo mundo.

FOME

A fome é o mais antigo dos hábitos humanos.

FRASES

*image
not
available*

SALARIO

Certos pundonores, certos brios, exigem um salário e as três refeições.

SEXO

O sexo só faz canalhas (nunca houve um santo do sexo).

SOLIDÃO

A perfeita solidão há de ter pelo menos a presença numerosa de um amigo real.

Há na Sibéria uma ilha tão deserta, tão deserta, que nem micróbios tem. E quando não há nem micróbios, a solidão é perfeita.

SUBURBANOS

Sou um suburbano irreversível.

TEATRO E PEÇAS

A inteligência está liquidando o teatro brasileiro.

TELEVISÃO

A televisão matou a janela.

A televisão vive das reprises dos seus filmes, eu vivo das reprises das minhas imagens.

TRAGÉDIA

Para a mesa do Brasil um prato a mais constitui uma tragédia.

A fome é um hábito e não uma tragédia.

TRAIÇÃO

É num bate-boca que nasce, na mulher, a vontade de trair.

VARIEDADE

A toda hora esbarramos com sujeitos que praticam a variedade sexual. Esses vão morrer na mais fria, lívida, espantosa solidão.

VELHICE

Ninguém quer ser velho. Há uma vergonha da velhice. E o

*image
not
available*

Raríssima uma bondade sem impudor.

A toda hora e em toda parte, há íntegros que nos atropelam com a sua integridade, há justos que nos humilham com a sua justiça, há castos que nos ofendem com a sua pureza.

Raríssima uma bondade sem impudor

BRASIL E BRASILEIROS

O brasileiro é o aniversariante nato. Nenhum outro povo faz anos com tão larga e cálida efusão.

O Brasil é um adiamento infinito.

O brasileiro é uma ociosidade compacta.

Há, em qualquer brasileiro, uma alma de cachorro de batalhão.

O Brasil teve bastante imaginação para dar um barbeiro de necrotério. E nunca pôs no mundo um Drácula.

O Brasil está por fazer, e repito: — todos os dias o Brasil pede que alguém o faça.

O Brasil não é uma pátria, não é uma nação, não é um povo, mas uma paisagem.

CANALHAS

Pode haver alguém que não tenha um mínimo de canalha?

Certas coisas, certas verdades, exigem um canalha para dizê-las.

CARIOCA

Desembarquei no Rio e me saturei, até os sapatos, de vida carioca.

CARTA ANÔNIMA

O homem diz, na carta anônima, o que não ousaria dizer ao padre, ao psicanalista e ao médium, depois de morto.

*image
not
available*

O médico ou é um santo ou um gângster.

Há médicos que cobram até “bom-dia”.

MORTE E MORTOS

Nada mais doce do que nascer, viver, envelhecer e morrer.

MULHER

Só está salva a mulher que se despe por amor e apenas por amor.

Há quarenta mil anos que certas mulheres cobram os seus carinhos.

NUDEZ

A primeira nudez que eu vi, na minha vida, foi um umbigo.

Nada mais feio do que a nudez sem amor.

Como é triste e, mesmo, vil a nudez que ninguém pediu, que ninguém quis ver, e que nenhum desejo explica.

OBSESSÃO

Foi a televisão, claro, que nos deu essa obsessão numérica das grandes massas.

ÓDIO

O verdadeiro ódio dura mais que a vida e dura mais que a morte.

PALAVRAS

Até hoje, não sei se a palavra está morta. Admito que se possa fazer um romance sem palavras, um conto sem palavras, um soneto sem palavras e até um recibo sem palavras.

PUDOR

Não se usa mais o pudor, como não se usa mais o espartilho.

Hoje, a própria palavra “pudor” é tão antiga e irreal como, como... Vejamos uma palavra bem fora de moda. Já sei: — “supimpa”.

*image
not
available*

A simples esperança do amor eterno impede que o homem apodreça à nossa vista.

Enquanto o homem não amar para sempre, continuaremos pré-históricos.

No dia em que o sujeito perder a infinita complexidade do amor, cairá automaticamente de quatro, para sempre.

Foi o amor que fez de mim um repórter de polícia. Eu queria escrever sobre os que vivem de amor, morrem de amor ou matam por amor.

ANGÚSTIA

Sabe-se que a angústia é, se me permitem a metáfora, a flor do lazer, a joia da ociosidade.

BEBIDA E BÊBADOS

Bebe-se para não se ouvir as vozes que estão enterradas em nós, enterradas, sim, como sapos de macumba.

Eram dez da manhã e já o encontrei bêbado. Era um homem extraordinário. Um bêbado que nem precisava beber.

BOLA

A bola sabe quando vai ser gol e se ajeita.

BONDADE

A nossa bondade frívola e eventual tem, por vezes, pena de uma cachorra manca.

Temos uma bondade frívola, distraída, relapsa. Fazendo as contas, somos bons, por dia, de quinze a vinte minutos.

BRASIL E BRASILEIROS

É a opção de qualquer brasileiro, vivo ou morto: — ou tem sapatos ou tem automóvel.

CAMA

*image
not
available*

Para ser um bom neurótico, o sujeito precisa de tempo e, além disso, e obviamente, dinheiro.

ÓBVIO

Nada mais invisível do que o óbvio ululante.

Muitas vezes esbarramos, tropeçamos no óbvio. Pedimos desculpas e passamos adiante, sem desconfiar que o óbvio é o óbvio.

PALAVRAS

Querem assassinar a palavra, e a pauladas, como se ela fosse uma gata preta.

PATRIOTISMO

Eu sou, e o confesso, um patriota de suíças e bigodões, de esporas e penacho, como um dragão de Pedro Américo.

POBRE

O que não se suporta é um pobre que trata as próprias chagas a pires de leite.

PUDOR

Hoje o pudor é uma virtude de museu.

REPETIÇÃO

Duas ou três vezes por semana, digo eu o seguinte: — “Nada mais invisível do que o óbvio ululante.” E vejam vocês: — apesar da repetição deslavada, a frase tem, sempre, um ar de novidade total.

Sou o colunista que se repete com um límpido impudor. Não tenho o menor escrúpulo em usar duzentas, trezentas vezes a mesma metáfora.

As coisas ditas uma vez e só uma vez morrem inéditas.

RUA

Sabemos que uma rua, ainda a mais obscura, ainda a mais

*image
not
available*

A bola tem um instinto clarividente e infalível que a faz encontrar e acompanhar o verdadeiro craque.

Há na bola uma alma de cachorra.

CASAIS

De vez em quando é preciso que um casal se engalfinhe. É sadio e atrevo-me mesmo a dizer: — é sublime.

CANALHAS

O canalha é sempre um cordial, um ameno, um amorável.

O canalha é uma figura de incalculável riqueza interior. O diabo é que é difícil, dificílimo, senão impossível, descobrir um canalha.

CHARME

Se cada um de nós enxergasse um palmo adiante do nariz já teria visto que qualquer namoradinha suburbana, aqui, tem tanto ou mais charme que Joana D'Arc.

DINHEIRO

O dinheiro excessivo nos intoxica e liquida.

DÍVIDAS

Um brasileiro sem dívidas é o que há de mais utópico, inexequível e, mesmo, indesejável.

FRACASSO

Só acreditamos e só aceitamos, sem restrições, os fracassos. É verdade — a derrota é o nosso poderoso excitante, o nosso efficacíssimo afrodisíaco vital.

Diante de um fracasso tão feio, a única atitude possível, para todos nós, é a seguinte: observar um minuto de vergonha. Nada mais.

*image
not
available*

HONESTIDADE

Não acredito em honestidade sem acidez, sem dieta e sem úlcera.

IDIOTA

Um idiota está sempre acompanhado de outros idiotas.

INTELIGÊNCIA

Isso a que chamamos inteligência é uma questão de dia, e, sobretudo, de momento. Somos inteligentíssimos em determinado dia ou momento e burríssimos antes e depois.

JORNALISMO

Na vida jornalística, dois dias bastam para mumificar um acontecimento, para desatualizar um feito.

O que mais admira, em nós, jornalistas, é a desenvolta irresponsabilidade com que escrevemos as nossas barbaridades.

JUVENTUDE

O jovem está sempre no dilema: — ou é um gênio ou um bobo, ou um Rimbaud ou um débil mental, desses que babam.

MAGROS

É preciso ver os magros com a pulga atrás da orelha. São perigosos, suscetíveis de paixões, de rancores, de fúrias tremendas.

Até hoje, que eu me lembre, todos os canalhas que eu conheci são, fatalmente, magros.

MEMÓRIA

Não há nada mais relapso do que a memória. Atrevo-me mesmo a dizer que a memória é uma vigarista, uma emérita falsificadora de fatos e de figuras.